

CAPÍTULO 4

AS PRÁTICA DE LINGUAGEM NA SALA DE AULA: UM RELATO DE TRABALHO COM A OBRA "O DIÁRIO DE ANNE FRANK"

Data de aceite: 02/01/2024

Walisson Dodó

Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Ceará. Professor de Língua Portuguesa da Rede Estadual de Ensino do Ceará – SEDUC – CE

Elisângela Chaves

Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura pela Faculdade Farias Brito. Professora de Língua Portuguesa pela SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO - SME – Horizonte-CE

Rakell Leiry Cunha Brito

Especialista em Semiótica Aplicada à Literatura e áreas afins pela Universidade Estadual do Ceará. Professora de Língua Portuguesa da Rede Estadual de Ensino do Ceará – SEDUC – CE

Tarcila Barboza Oliveira

Mestranda do Mestrado Interdisciplinar de História e Letras (MIHL) da Universidade Estadual do Ceará. Professora de Língua Portuguesa da Rede Estadual de Ensino do Ceará – SEDUC – CE

Stânia Nágila Vasconcelos Carneiro

Pós-doutora em Educação (UMINHO) e Docência e Investigação Universitária (UNIR). Doutora em Educação pela Universidad del Norte, UNINORTE, Paraguai. Instituição: Centro Universitário Católica de Quixadá-CE

RESUMO: Este relato tem como propósito apresentar a vivência leitora das turmas do 8º e 9º anos com o Diário de Anne Frank na disciplina de Língua Portuguesa. Para embasar nossas reflexões, nos embasamos em Freire (2003), Larrosa (2002) e outros. Metodologicamente, fazemos uso da sequência didática para o letramento literário de Cosson (2012). Esse estudo revelou que, quando há um cuidado em preparar as aulas de leitura, tal metodologia ajuda a despertar para leitura de outras obras vindouras, além de mostrar que, a partir da leitura de obras literárias, os estudantes compreenderam a relevância da leitura paradidática na sala de aula e como ela ajuda a ampliar nossos conhecimentos, além de ressignificar seu entendimento sobre as aulas de análise linguística/semiótica.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Obras Literárias. Letramento Literário. Ampliação

de conhecimentos.

INTRODUÇÃO

Este relato é resultado de uma experiência leitora com o “Diário de Anne Frank” vivenciada com estudantes de 8 e 9 anos da rede pública municipal de ensino da cidade de Horizonte – Ceará.

Sabemos que são inúmeros os desafios em sala de aula para despertar o gosto pela leitura e trabalhar produtivo e significativamente com essa prática de linguagem. Por isso, o objetivo da realização dessa prática foi despertar o interesse pela leitura, literária ou não, pois entendemos que este hábito estimula a reflexão, enriquece o vocabulário, melhora o raciocínio etc., e é a base para a inserção da análise linguística.

Considerando essa conjuntura sobre o trabalho com a leitura em sala de aula, elaboramos algumas perguntas que nortearam nossa reflexão: O que fazer para despertar o gosto pela leitura? Como trabalhar a leitura na escola? E como trabalhar a leitura associada ao desenvolvimento de competências que estão relacionadas aos conteúdos de análise linguística?

Reconhecendo, pois, que é dever da escola transmitir ao aluno o conhecimento a respeito da relevância da prática de leitura e é função do educador ser a ponte nesse processo de conhecimento e aprendizado, gostaríamos de compartilhar este relato de experiência que, a nosso ver, pode contribuir com as reflexões acerca do ensino de língua materna, com foco no trabalho com a leitura em sala de aula.

OBJETIVOS

Este trabalho teve como objetivo principal:

- despertar o gosto pela leitura, seja literária ou não, a fim de desenvolver as competências leitoras dos estudantes.

Como objetivos específicos, tem-se os seguintes:

- apresentar os resultados de uma experiência leitora com o “Diário de Anne Frank” vivenciada com estudantes de 8 e 9 anos de uma escola pública municipal de ensino;
- cultivar a prática leitora no dia a dia dos estudantes;
- formar leitores assíduos, críticos e engajados.

METODOLOGIA

Para atingir os nossos objetivos, preparamos uma uma sequência didática para o

letramento literário (COSSON, 2012)¹. Na sequência, fizemos a leitura da obra literária: “O Diário de Anne Frank”.

Nossa prática, durou em torno de um mês, isto é, quatro semanas, considerando que, semanalmente, os estudantes tinham quatro aulas de Língua Portuguesa. Todas as aulas eram iniciadas com um momento de leitura da obra, para, na sequência, fazemos nossas interpretações e partilhas de impressões.

A sequência didática literária foi aplicada em quatro turmas do Ensino Fundamental II: duas turmas de 8º ano e duas turmas de 9º ano; cada seriação dessa tinha na escola nos turnos manhã e tarde.

A escola na qual realizamos a atividade chama-se Escola Municipal de Ensino Fundamental - EMEF - Marina Ferreira de Almeida, situada no distrito de Dourado do município de Horizonte-CE.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antes de descrever os principais recortes do período que realizamos essa prática, convém apresentar, mesmo que sumariamente, as ideias dos autores que utilizamos para nortear nosso trabalho.

Em se tratando de leitura, Freire (2003) compreende que a leitura do mundo precede a leitura das palavras; Larrosa (2002) conceitua leitura como tradução, associação de palavras, transporte e mediação; Jouve (2002) compreende a leitura pelo viés de sua complexidade e pluralidade; e Proust (1991) enfatiza que a leitura abre portas para o conhecimento, novas descobertas de mundos, ainda pouco, ou quase desconhecidos².

Notemos que o pensamento desses teóricos é congruente, uma vez que concebem o ato de ler como uma oportunidade de ampliação de conhecimento e de compreensão crítica do mundo.

Concordando com eles, elaboramos nossa empreitada com “Diário de Anne Frank”, por meio de uma sequência didática para o letramento literário (COSSON, 2012), objetivando formar alunos leitores críticos, reflexivos, além de acender o gosto pela leitura.

Na sequência proposta por Cosson (2012), seguimos os 4 passos que ele sugere para: a motivação, a introdução, a leitura e a interpretação, que achamos pertinente definir a seguir.

Sobre esse primeiro movimento, Cosson vem dizer que:

a leitura demanda uma preparação, uma antecipação, cujos mecanismos passam despercebidos porque nos parecem muito naturais. Na escola, essa preparação requer que o professor a conduza de maneira a favorecer o processo da leitura como um todo. Ao denominar motivação a esse primeiro

1 Na seção de análise e discussão dos dados, apresentaremos com mais detalhes a organização da sequência.

2 Além desses teóricos, também fizemos a leitura de outros autores que nos ajudaram em nossas reflexões. Eles estão listados nas referências. Como nosso foco aqui é o relato de experiência e também por questão de espaço, tivemos que alternar pela indicação das leituras em vez de resenhá-las com profundidade em nosso texto.

passo da sequência básica do letramento literário, indicamos que seu núcleo consiste exatamente em preparar o aluno para entrar no texto. O sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende de boa motivação (COSSON, p. 54, 2012).

Já na Introdução, Cosson (2012) a define como “a apresentação do autor e da obra” (p. 57).

Na etapa da leitura, o teórico dá destaque ao acompanhamento da leitura. Para ele:

a leitura escolar precisa de acompanhamento porque tem uma direção, um objetivo a cumprir, e esse objetivo não deve ser perdido de vista. Não se pode confundir, contudo, acompanhamento com policiamento. O professor não deve vigiar o aluno para saber se ele está lendo o livro, mas sim acompanhar o processo de leitura para auxiliá-lo em suas dificuldades, inclusive aquelas relativas ao ritmo da leitura (COSSON, p. 62, 2012).

E, na etapa quatro, quando interpretamos um texto, o teórico vem afirmar que:

no campo da literatura ou mesmo das ciências humanas, as questões sobre a interpretação e seus limites envolvem práticas e postulados tão numerosos quanto aparentemente impossíveis de serem conciliados, até porque toda reflexão sobre a literatura traz implícita ou explicitamente uma confissão do que seja uma interpretação ou de como se deve proceder para interpretar os textos literários (COSSON, p.64, 2016).

Sobre o local de leitura, não era o almejado, todavia buscamos adequar às nossas condições. Resolvemos que leríamos em sala de aula, pois a biblioteca estava sendo utilizada para outros fins. Não hesitamos em medir esforços, visto que o “despertar” para o universo da leitura era o nosso maior objetivo.

Foram inúmeras as indagações de como faríamos essa sequência, dentre elas: o que fazer e como fazer para inserir os estudantes no domínio pleno das palavras? Como lecionar análise linguística nesta obra? Levamos para discussão da aula para iniciarmos nosso trabalho.

Iniciamos o primeiro momento com uma conversa informal sobre a relevância da prática leitora, ou seja, “ler” um livro paradidático passaria a ser ação primordial e faríamos isso semanalmente ao iniciarmos a aula. De posse de três exemplares escritos, formamos círculos para apreciarmos o livro.

Para nossa surpresa, somente um discente tinha ouvido falar em “Anne”, mas não deu a devida importância. Ao término da apresentação, perguntamos se estavam dispostos a concretizarem a empreitada, e a aprovação foi unânime.

Desse modo, esperançosos e com responsabilidade de planejar uma ocasião prazerosa e oportuna com universo das letras, baixamos o livro em PDF, para darmos início na aula seguinte nossa aventura.

Na aula seguinte, exibimos uma síntese da biografia de Anne através de vídeo, e os estudantes ficaram envolvidos e impactados com detalhes da vida da escritora. Logo

após, apresentamos os critérios de escolha da obra, dentre eles: a idade da protagonista, a importância de conhecer o momento histórico e a relevância do assunto tratado na obra.

Nas aulas seguintes, íamos pontuando os aspectos positivos da nossa ação, como: “a leitura estimula o raciocínio, ativa o cérebro, aumenta a imaginação, melhora o vocabulário, desenvolve o pensamento crítico, combate ao estresse, amplia a criatividade, estimula a capacidade de concentração, ajuda-nos a compreender os usos que fazemos da língua, ajuda na escrita, no pensar crítico, por isso o leitor se transforma, evolui”. Cada ponto desse era refletido por nós e pela turma; isso nos ajudava a motivar os estudantes a lerem a obra.

E, assim, passamos todo o mês: ao início de cada aula, que são 4 aulas de Língua Portuguesa semanalmente, líamos, parávamos, refletíamos, fazíamos relação do texto com o contexto e histórico e com o contexto atual, fazíamos desdobramentos das interpretações.

A cada aula, íamos alternando os espaços e as formas de leitura: havia dias que fazíamos um grande círculo; noutros, formávamos grupos e depois retomávamos a leitura no grupão. Cada vez que mergulhávamos no universo de “Anne”, os alunos se empolgavam e nos empolgavam. Até nos corredores, conversávamos, trocávamos ideias, e isso era simplesmente fantástico, considerando que a grande maioria dizia não gostar de ler, alegando que a leitura era algo enfadonho.

Aos poucos e sem que percebessem, da terceira semana para a última semana, adentramos no universo da análise linguística de uma forma menos “traumática”. *Anne* estava presente em todas as aulas, e, paulatinamente, fomos experimentado o tão majestoso universo linguístico. De compreender que a gramática está a serviço do nosso desenvolvimento linguístico-discursivo, que nos ajuda a compreender o mundo e anos mesmos por meio das práticas de linguagem (oralidade, escrita e **leitura**), conforme nos orienta a Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

o Eixo da Análise Linguística/Semiótica envolve os procedimentos e estratégias (meta) cognitivas de análise e avaliação consciente, durante os processos de **leitura** e de produção de textos (orais, escritos e multissemióticos), das materialidades dos textos, responsáveis por seus **efeitos de sentido** (...) (BRASIL, 2017, p. 65 - GRIFO NOSSO).

Ficamos bastante orgulhosos dos frutos que esta ação nos proporcionou, pois muitos compraram a obra e a ideia, indicaram aos demais colegas, melhoraram a entonação e vocabulário e passaram a ir com maior frequência à biblioteca, além de terem ressignificado sua compreensão em relação às aulas de análise linguística/semiótica, já que precisamos entender de uma vez por todas que o problema não são as aulas de análise linguística; elas são muito essenciais para os estudantes.

A problemática está na sua abordagem que, por vezes, é vazia e improdutiva. As aulas de análise linguística só têm sentido, quando o aluno compreende que “as práticas de **leitura**/escuta e de produção de textos orais, escritos e multissemióticos oportunizam

situações de reflexão sobre a língua e as linguagens de uma forma geral (...) (BRASIL, 2017, p. 71 – GRIFO NOSSO).

CONCLUSÕES

Certamente, a vivência realizada apresentou momentos significativos de aprendizagens. Todos os participantes colaboraram para que a execução gerasse boas práticas de leituras vindouras e aprendizados de uma maneira geral. Foram momentos ímpares de trocas em nossas vidas. Conhecer as angústias e a vida de Anne nos tornou pessoas diferentes, como também nos ajudou a compreender que ler transforma a nossa vida.

A partir dessa experiência, muitas perguntas foram respondidas, todavia precisamos intensificar as nossas práticas de leitura em sala de aula, pois sem ler, será quase impossível pesquisar, resumir, analisar, criticar, julgar e tomar certas decisões e atitudes.

Em se tratando das aulas de análise linguística, apesar de os estudantes terem começado a se permitir a uma participação nessas aulas mais empolgados, precisa-se muito, ainda, refletir sobre os caminhos pelos quais as aulas de gramática vêm trilhando, para que o ensino de língua materna se torne cada vez mais produtivo e significativo aos nossos estudantes, oportunizando um trabalho responsável com as práticas de linguagem.

Por fim, espera-se que a leitura (literária ou não) passe a fazer parte do cotidiano dos discentes, e esta ação não seja um fim, mas um início de inúmeras ações voltadas para o universo das palavras. Acredita-se que esta prática abra um leque de inúmeras possibilidades e sirva de inspiração para todos os envolvidos no contexto educacional.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. Muito além da gramática: por um ensino sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

ANTUNES, I. Aula de Português: encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

KLEIMAN, Ângela. Abordagens da leitura. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 13-22.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 10 de maio. 2023.

CHARTIER, Roger. A aventura do livro: do leitor ao navegador. São Paulo: Editora UNESP/ Imprensa Oficial do Estado. 1999

COSSON, R. Letramento Literário: teoria e prática. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2012.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler – em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2003.

JOUVE, Vincent. A leitura. São Paulo: UNIESP, 2002.

LARROSA, Jorge. Literatura, experiência e formação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

PROUST, M. Sobre a leitura. Trad. Carlos Vogt. Campinas: Pontes, 1991.

LEURQUIN, E. V. L. F. O espaço da leitura e da escrita em situação de ensino e de aprendizagem de português língua estrangeira. Eutomia-ISSN: 1982-6850, v. 1. n. 14, p. 167-186, 2015.

OLIVEIRA, L. A. de. Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.